

PROCESSOS METODOLÓGICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO SEMÂNTICO-LEXICAL DA REGIÃO OESTE DA BAHIA

Zoraide Magalhães Felício¹

Resumo: Este artigo descreve a metodologia que vem sendo utilizada para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado intitulada “Atlas Linguístico Semântico-Lexical da Região Oeste da Bahia”. Para tanto, adota as técnicas de pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira auxilia na construção da argumentação teórica, que se alicerçou em obras de eminentes estudiosos sobre o tema, quais sejam, Thun (2005, 2009), Labov (2008), Cardoso (2010). Já a pesquisa de campo possibilita investigações que, somadas à argumentação teórica, subsidiam a análise dos dados coletados das falas dos informantes. A metodologia enfatiza, ainda, a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional como um fazer teórico-metodológico, por descrever, concomitantemente, as etapas e os critérios que as fundamentam. Estas etapas são as seguintes: a seleção das comunidades pesquisadas (rede de pontos) e dos informantes; os instrumentos da coleta de dados (ficha de informante, temas para discursos semidirigidos); a coleta de dados e o questionário semiestruturado semântico-lexical aplicado aos colaboradores dos municípios de Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia. Esses pontos são escolhidos por serem centenários e fazerem parte da bacia hidrográfica do Rio Grande, um

importante afluente do rio São Francisco. São escolhidos para a pesquisa oito (08) informantes por localidade da rede de ponto (05), o que perfaz um total de quarenta (40) inquiridos. Como a investigação está em andamento, ainda não se pode apresentar quaisquer resultados e conclusões de caráter definitivo.

Palavras-chave: Dialetoologia pluridimensional e relacional; Atlas linguístico; Metodologia.

Introdução

Remontam aos filósofos gregos os primeiros estudos sobre a linguagem. Hoje, em pleno século XXI, ainda causa fascínio esta capacidade de comunicação - restrita aos humanos - de manejar um conjunto de signos para expressar suas ações e materializar seus pensamentos. Dito assim, parece simples, porém, esse manuseio com os signos associa não somente aspectos linguísticos, mas culturais que

¹ Doutoranda em Estudos de linguagem pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus XI.

possibilitam ao falante imortalizar sua existência por meio da difusão de sua cultura: crenças, hábitos, religiões e tradições. Essa propagação de linguagem/cultura é motivada pelo manuseio da língua de formas variadas possibilitadas pelo sistema linguístico que “é um conjunto de vias fechadas e vias abertas [...]”, conforme Coseriu (1979, p. 61).

Conforme Costa e Isquerdo (2013, p. 133), “a língua reflete aspectos da identidade de um grupo, uma vez que exprime suas ideias e retrata a sua realidade.” Pode sofrer alterações, influências e adequar-se de acordo com as necessidades de seus falantes. Em outras palavras, a língua varia e, por meio dessa variação, é possível mapear uma comunidade linguística. Mas, o estudo da variação linguística não seria possível sem a criteriosa observação do léxico dessa língua, tendo em vista que ele se constitui como “[...] a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua.” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

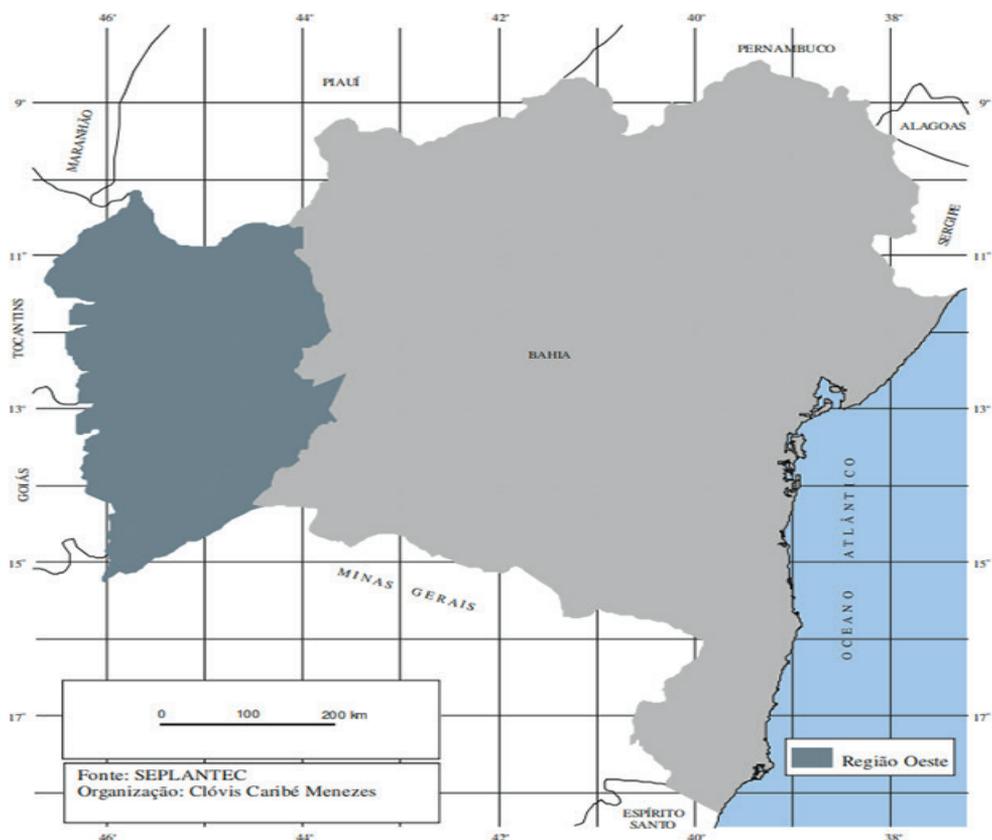
Uma das formas de se estudar o léxico é utilizar a pesquisa dialetológica. E isso se faz por meio da construção de Atlas Linguísticos, que são cartogramas em que se registram as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas presentes em cada uma das localidades escolhidas. Considerando essa premissa, a proposta deste artigo é descrever a metodologia utilizada para a pesquisa de doutorado intitulada *Atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*. Objetiva-se expor, parcialmente, os critérios adotados para a construção da metodologia, quais sejam: seleção das comunidades pesquisadas e dos informantes, coleta e instrumentos da coleta de dados.

Este estudo se justifica por ser inédito, porquanto a região pesquisada ainda não foi objeto de cartografia dialetológica pluridimensional. Ademais, conforme Figueiredo Junior (2019), há várias vantagens decorrentes da existência de um atlas linguístico de uma região, tais como a focalização na descrição linguística, a oportunidade de descobrir fatos externos responsáveis pela variação dialetal e a historiografia da língua em uso em dadas coordenadas geográficas, temporais e sociais.

1 O espaço linguístico da pesquisa

O surgimento da região oeste da Bahia coincide com a história da colonização do Brasil. Segundo o que consta no livro *Resumo histórico de nossas origens* (BARREIRAS, 2001), no espaço geográfico do oeste baiano, o rio São Francisco e seus afluentes da margem esquerda constituíram-se como caminhos naturais para os desbravadores e colonizadores. Estes, percebendo a fertilidade de suas margens, desenvolveram uma economia que se baseava na pecuária, na agricultura e na mineração. Pelos rios, escoava-se a produção da região e recebiam-se outros mantimentos.

Figura 1: Região oeste da Bahia.



Fonte: (SEPLANTEC apud SANTOS, 2007, p. 35).

Antes da chegada dos colonizadores, a região oeste da Bahia era habitada pelos povos indígenas croás e Xacriabás, etnias que habitavam as margens do Iassu, nome dado por eles ao Rio Grande e pelos Aricobés. Contudo, com a chegada dos colonizadores, os povos indígenas viram suas terras sendo invadidas e defendiam-se atacando. Dessa forma, muitos combates aconteceram.

Esses confrontos tiveram como causa principal o fato de a pecuária consolidar-se como um fator fundamental para a chegada das primeiras populações à região oeste da Bahia. Como o rebanho avançava em terras cercadas pelos rios, foi necessário que os colonizadores lutassem para conquistar mais áreas de pastagem. Assim que os desbravadores chegaram à confluência dos rios Grande e São Francisco, uma nova comunidade surgiu e deu origem à cidade de Barra. Essa região foi dependente economicamente dos rios Preto, Grande e São Francisco por longo tempo.

No século XVII, o rei de Portugal ordenou que fossem fundadas novas comunidades nas bacias dos rios Grande, São Francisco e Preto, com a finalidade de atender aos habitantes locais que chegavam de Lisboa, pedindo segurança contra os ataques dos indígenas. Além disso, outro fator que impactou a constituição de

comunidades na região foi o crescimento do comércio e a grande circulação de barqueiros. Assim, houve uma evolução em outros setores comerciais, a exemplo do látex extraído da mangabeira, árvore nativa do cerrado no oeste da Bahia, iniciando, desse modo, o consumo da borracha na Europa.

Por conseguinte, a localidade atraiu vários imigrantes, e o lugarejo começou a se transformar em cidade. A produção nativa da mangabeira, da qual se retira a seiva, o látex substância semelhante ao leite, com o qual se faz a borracha, foi fator determinante para o estabelecimento dos imigrantes e para o rápido crescimento da economia e do lugarejo.

Com o progresso acelerado, desbravadores e barqueiros navegavam facilmente no Rio Grande, acelerando o crescimento da economia. Isso fez surgir o povoado São João – hoje Barreiras² – que se expandiu como entreposto comercial, uma vez que havia uma conexão entre Goiás e Piauí. Com toda essa navegação, dois pontos foram fundamentais para a comercialização dos produtos: o desembarque de mercadorias enviadas para Goiás e Piauí e o escoamento da produção local até as regiões que exploravam ouro em Minas Gerais.

Atualmente, a região oeste da Bahia é um grande polo agrícola, o que tem influenciado, significativamente, a migração de muitos agricultores sulistas e de outras regiões, que vieram comprar terras e nelas implantando explorações agrícolas altamente modernizadas.

A economia da região oeste se fortaleceu a partir dos anos 1980, com a chegada de agricultores vindos da região sul do país que introduziram a cultura da soja. Hoje, essa cultura na região ocupa uma área de 1.580.000 hectares, além das culturas de algodão, com 331.000 ha milho 150.000 ha, café 8.600 ha e outras que somam 375.000 ha. Conforme informação da Associação de Irrigantes do Estado da Bahia (AIBA, 2019), Barreiras é o principal centro urbano, político, comercial e econômico dessa região, e é para onde converge a população de outras cidades da microrregião, seja pela oferta de trabalho, seja pela disponibilização do ensino superior. Além disso, interligada por estradas asfaltadas a outros centros do litoral nordestino, Barreiras confirma sua localização estratégica na região, tornando-se importante entroncamento rodoviário entre o Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Para a construção do *Atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*, considerou-se o marco fluvial importante desta região, o Rio Grande, conforme figura 2, importante afluente do rio São Francisco. Assim, optou-se pelos municípios mais antigos que fazem parte da bacia hidrográfica do Rio Grande, quais sejam: Barreiras, Angical, Barra, Cotegipe e Santa Rita de Cássia.

2 A certidão de nascimento da área territorial, em que atualmente fica o município de Barreiras, foi a Carta de Évora, informando que a capitania de Pernambuco iniciaria seu território no mar, e, por conseguinte, acompanharia a margem esquerda do rio São Francisco, estendendo-se sua fronteira ao sul até Carinhanha, na divisa com Minas Gerais. (BARREIRAS, 2001).

Figura 2: Rio grande.



Fonte: (SANTOS JÚNIOR, 2014).

2 A escolha metodológica

As disciplinas que estruturam os estudos dialetológicos, ou seja, que estudam a linguagem sob a ótica da variação, são a *Dialetologia monodimensional* (geografia linguística ou geolinguística) e a *Sociolinguística*.

O termo Dialetologia se origina do grego *diálektos* (linguagem, idioma, língua, conversação) e *lógos* (palavra, estudo, tratado), e pode ser concebida como o estudo linguístico dos dialetos, métodos e procedimentos linguísticos para a determinação de peculiaridades na maneira de falar uma língua, consoante Houaiss, Villar e Franco (2001). Para Dubois (2004, p. 185), o termo dialetologia que “é usado, às vezes, como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”.

Os dialetos, como nos informa o estudioso Pop (1950, p. XXIII *apud* CARDOSO 2010, p. 33), se tornaram objeto da atenção dos linguistas no final do século XVIII. Entretanto, foi apenas “no século XIX que se vai traçar com eficácia os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem, a dialetologia com o que concebe, com seu método específico, a geografia linguística ou a geolinguística”, conforme palavras de Cardoso (2010, p. 35).

O objetivo inicial da dialetologia tradicional ou monodimensional era investigar as variações no interior de cada comunidade linguística pesquisada, priorizando os aspectos geográficos, contudo, sem considerar os aspectos sociais. A esse respeito, Zágari (2013) informa que a Dialetologia tradicional consistia no estudo de

formas linguísticas predominantemente rurais, considerando-se que o informante era “HARAS” (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário).

Dessa forma, priorizar um informante, com essas características, era uma espécie de garantia do contato com um dialeto puro, original. Por isso, uma única entrevista com um falante, em uma dada comunidade linguística investigada, era necessária para se obter dados robustos, logo, um bom resultado. Vale salientar, que tal modelo se revelou bastante relevante, uma vez que possibilitou o registro de dados bastante importantes à época, como a constituição do *Atlas Linguistique de France*, por Jules Gilliéron. Nessa perspectiva, Isquierdo e Romano (2012) afirmam que a

Dialetologia nasceu sob o signo da monodimensionalidade à medida que tradicionalmente priorizava a diatopia como objeto de investigação, selecionando a fala de áreas rurais de pequeno porte e tomando como informantes para a recolha de dados dialetais, preferencialmente, homens de vida sedentária, idosos, analfabetos e nascidos e residentes na localidade, tendência essa inaugurada na segunda metade do século XIX, quando desponta a Dialetologia como desmembramento e também uma reação ao movimento dos neogramáticos, no que diz respeito à regularidade e à uniformidade das mudanças fonéticas que ocorrem no âmbito de cada língua. (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 891).

A dialetologia monodimensional ganhou espaço nas pesquisas sobre os falares regionais. Muitos trabalhos foram feitos sob a sua égide. Porém, o próprio processo dinâmico, que envolve os estudos sobre a língua, apontava a importância do espaço geográfico para a compreensão da diversidade linguística dos falantes, mas também mostrava a restrição de uma investigação apenas diatópica. Muitas críticas foram feitas por linguistas tanto afiliados na linha estruturalista, quanto sociolinguística, sobretudo quanto ao número e ao perfil dos informantes selecionados para a coleta de dados.

Por outro lado, a Sociolinguística variacionista, que surgiu na década de 1960 do século XX, liderada por William Labov, partia do pressuposto de que era possível “estabelecer uma relação de causa e efeito” a partir da “covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais.” (DUBOIS, 2004, p. 561). No entanto, a variação observada era aquela existente dentro de uma comunidade linguística particular, já que esta oferece pressões sobre o uso, nos termos de Mollica (2007):

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis. (MOLLICA, 2007, p. 9-10).

Labov (2008, p. 21) afirma que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade onde ela ocorre”.

É possível perceber que tanto a dialetologia tradicional ou monodimensional quanto a sociolinguística têm seu foco na variação linguística. No entanto, esta última associa o estudo da língua a fatores linguísticos e extralinguísticos, já a primeira associa esse estudo à questão do espaço geográfico. Porém, ambas possuem sua importância e sua restrição, como postula Thun (2009):

A verdade é que a Geografia Linguística e a Sociolinguística compartilham da mesma origem. Uma e outra provêm da Dialetologia entendida antigamente como ciência da variação em geral. Deve-se aceitar a crítica da Sociolinguística, mas é necessário assinalar também seu ponto fraco. Se a Dialetologia monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a sociolinguística é também uma má dialetologia porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto. (THUN, 2009, p. 536)

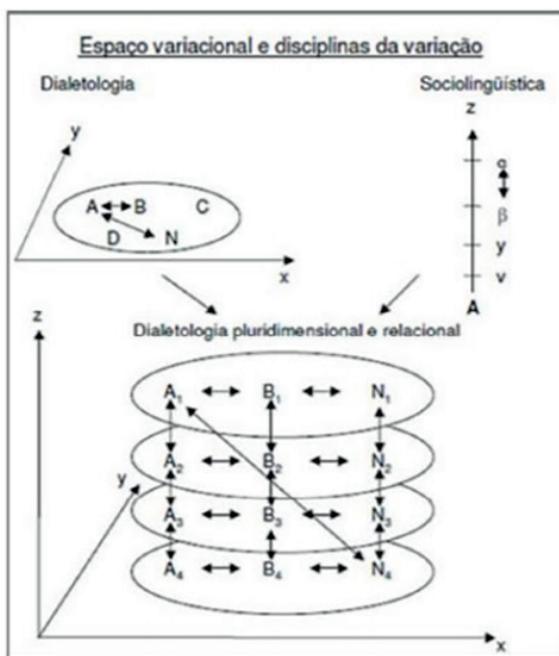
A dialetologia tradicional e a sociolinguística se ocupam da diversidade dos usos da língua, porém cada uma atribui particularidades ao seu objeto de estudo. Assim, estudiosos da área constataram que a consideração somente da representação geográfica de variação de uma língua, ou somente os parâmetros sociais, observados em poucas localidades da rede de pontos, não bastariam para uma compreensão da diversidade linguística. Desse entendimento, surgiu a necessidade de se estabelecer uma metodologia que satisfizesse os estudos de variação linguística, associando a variação espacial às variáveis sociais.

Na tentativa de resolver tal impasse, no final do século XX, houve uma espécie de fusão entre Dialetologia e Sociolinguística, através do desenvolvimento do modelo da *dialetologia pluridimensional e relacional*. De acordo com Marques e Santiago-Almeida (2020), o objetivo dessa nova visada era suprir as lacunas existentes entre as abordagens, uma vez que o novo modelo permitiria analisar diversas variáveis extralinguísticas em várias localidades da rede de pontos da pesquisa, tendo em vista a sua tridimensionalidade, pois associava a superfície da dialetologia tradicional e o eixo vertical da sociolinguística, permitindo, portanto, análises mais amplas. Além disso, o modelo engloba uma série de dimensões que o caracteriza, ainda, como pluridimensional, a saber: (i) diagenérica – parametriza o gênero dos informantes (masculino e feminino); (ii) digeracional – recorta grupos etários (jovem e velho); (iii) diastrática I – identifica o nível social ou escolar dos informantes; diastrática II – envolve o poder aquisitivo dos informantes (rico ou pobre); diatópica III – destaca a mobilidade dos informantes em *topodinâmica* (mais mobilidade (+M)) ou *topostática* (menos mobilidade (-M)), ou seja: informantes que moram em uma cidade e trabalham em outra em oposição

àqueles que moram e trabalham na mesma cidade; (iv) diafásica – envolve o tipo de registro (RE (relato), RO (resposta objetiva), CO (comentário), DE (descrição), LT (leitura) e DI (diálogo) etc.); (v) diarreferencial – focaliza a metalinguagem utilizada, ou seja, o informante utilizou uma linguagem denotativa orientada para o mundo ou orientada à própria linguagem; (vi) diarreligiosa – indica as práticas religiosas dos informantes.

Para demonstrar as dimensões envolvidas no modelo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*, que reúne a estrutura variacional e as disciplinas da variação, a seguir, apresenta-se o esquema delineado por Thun (2005, p. 67), no qual tem-se: na parte superior do quadro, à esquerda, a Dialetologia Monodimensional que atua no eixo superficial, focalizando a escolha de apenas um tipo de sujeito, em várias localidades da rede de pontos pesquisada, para ser entrevistado. Já à direita, a Sociolinguística, que opera no eixo vertical, destacando diversas variáveis que podem ser analisadas em apenas uma localidade da área pesquisada. Na parte inferior do quadro, finalmente, tem-se o modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, originado pela fusão entre as disciplinas da Dialetologia Monodimensional e da Sociolinguística, e conforme Borella (2014), as letras A, B, C, D e N, no esquema 1 abaixo, referem-se às falas nos pontos de pesquisa (eixo horizontal), que se relacionam com o eixo vertical, ou seja, com os informantes em cada ponto.

Esquema 1: Espaço variacional e disciplinas da variação.



Fonte: (THUN, 2005, p. 67).

Com este modelo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional*, é possível realizar vários tipos de análises: desde aquelas que unem pontos da mesma superfície,

passando por aquelas que associam grupos de uma mesma base, até aquelas que são feitas diagonalmente. No termo relacional, concentra-se a ideia de apresentar as várias possibilidades de comparação entre as várias dimensões da língua.

Considerando o exposto sobre a *Dialetologia pluridimensional e relacional*, propõe-se um estudo sobre o português falado, com vistas à identificação da *norma semântico-lexical da região oeste da Bahia* e à construção de um *atlas linguístico semântico-lexical* dessa mesma região, considerando os seguintes municípios no entorno do Rio Grande: Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia.

3 A seleção da rede de pontos

Como exposto anteriormente, a origem da região oeste da Bahia está associada ao Rio São Francisco e seus afluentes. Para este trabalho, considera-se o Rio Grande, um dos principais afluentes que fica à margem esquerda do rio São Francisco, importante manancial para a região.

O Rio Grande nasce na serra Geral de Goiás, no município de São Desidério, percorre 580 km até a sua foz, no rio São Francisco, na cidade de Barra. Para o desenvolvimento deste trabalho, delimitou-se os municípios que compõem a bacia hidrográfica do Rio Grande, a qual compreende não só os municípios de Angical, Barra, Barreiras, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia e Wanderley, cujos territórios estão inseridos totalmente na Bacia; como também Baianópolis, Buritirama, Muquém do São Francisco, São Desidério e Tabocas do Brejo Velho, parcialmente inseridos na Bacia.

Como *loci* deste estudo, foram selecionados, sob o critério tempo de fundação,³ os municípios de: Barra (1752), Cotegipe (1820), Angical (1890), Barreiras (1891) e Santa Rita de Cássia (1840). Tal opção está intrinsecamente atrelada ao objetivo geral deste estudo, qual seja: descrever a norma semântico-lexical, com vistas à elaboração do *Atlas Linguístico Semântico-Lexical* da região oeste.

4 A seleção dos informantes

A definição do perfil dos informantes, para este estudo, foi feita com base na metodologia da *Dialetologia pluridimensional e Relacional*. Para isso, são consideradas três dimensões: a diagenérica, diageracional e a diastrática. Embora haja outras dimensões já mencionadas (Cf. seção 2), para o desenvolvimento de atlas semântico-lexicais, são selecionadas aquelas já utilizadas na construção de outros atlas desse mesmo tipo, como o *Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista: Níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do*

³ A data entre parênteses corresponde ao ano de fundação de cada um dos municípios selecionados como objeto desta pesquisa. Os dados foram buscados em cartórios de registro da região de Barreiras.

Médio Tietê (FIGUEIREDO JUNIOR, 2019) e o *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC* (CRISTIANINI, 2007). Portanto, dimensões não só consideradas relevantes para a consecução do objetivo proposto, como também já testadas.

A dimensão diageracional será constituída de duas faixas etárias: geração jovem (GI), entre 18 e 36 anos de idade e a geração mais velha (GII) com 55 anos ou mais. Para essa dimensão, definiram-se dois critérios: (i) morar na localidade por no mínimo três quartos da vida; e (ii) residência ininterrupta na localidade por pelo menos durante os cinco últimos anos.

Com relação à dimensão diastrática, será aplicado o critério de escolaridade formal e informal. De acordo com Thun (1996):

o grupo sociocultural baixo (abreviado como Classe baixa=Cb) e que está integrado por aqueles cujo grau de escolarização inicia em zero até o segundo ano de qualquer tipo de formação posterior à primeira, e que os informantes com mais formação entram no grupo sociocultural não baixo (abreviado como Classe alta= Ca) (THUN 1996 *apud* MARQUES; SANTIAGO-ALMEIDA, 2020, p. 185).

São selecionados, neste estudo, o nível sociocultural baixo (menor escolaridade) e o alto (maior escolaridade). No nível social mais baixo, são selecionados, para o grupo mais velho (CbGII), informantes analfabetos e aqueles que já tenham concluído o ensino médio. Para o grupo mais jovem (CbGI), são selecionados informantes que tenham até o nível superior incompleto. Para o nível social mais alto, são escolhidos, para o grupo mais velho (CaGII), informantes que tenham 55 anos ou mais, que tenham ou não completado o terceiro grau e, para o grupo mais jovem (CaGI), informantes entre 18 e 36 anos com o nível superior completo ou incompleto.

Neste trabalho, também será selecionada a dimensão diagenérica, que leva em conta a questão do gênero. Desde o início dos estudos dialetais, o gênero se constitui como um dado relevante, de interesse e de preocupação dos estudiosos. Isso conduziu à atenta observância dos usos linguísticos de homens e mulheres, para que se tornassem objeto de documentação, tal como nos informa Cardoso (2010, p. 51-52). Assim, são escolhidos homens e mulheres, conforme mostra o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: perfil dos informantes.

CbGI	Um (01) jovem e uma (01) jovem de 18 a 36 anos, com escolaridade até o nível superior incompleto.
CbGII	Um (01) senhor e uma (01) senhora com idade de 55 anos em diante, analfabetos ou que tenham concluído o ensino médio.
CaGI	Um (01) jovem e uma (01) jovem de 18 a 36 anos, com escolaridade até o nível superior completo ou incompleto.
CaGII	Um (01) senhor e uma (01) senhora com idade de 55 anos em diante, com escolaridade até o nível superior completo ou incompleto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando o total de 08 informantes, conforme o Quadro 1 anterior e a rede de pontos composta de 05 localidades selecionadas: Barra, Cotegipe, Angical, Barreiras e Santa Rita de Cássia, o cômputo geral será de 40 informantes.

5 A coleta dos dados

Para a construção do *Atlas Linguístico Semântico-Lexical* da região oeste da Bahia, este estudo adota a técnica de elicitação semântico-lexical, denominada *Técnica de Efeito Tríplice* (TET), desenvolvida por Figueiredo Junior *et al.* (2021), que prevê a aplicação da “técnica dos TTT”, ou seja, *perguntar, insistir e sugerir*. Essa técnica envolve a presença de uma pluralidade de informantes simultânea ou sucessiva (aqui, a opção é pela última), a etiquetagem do *corpus* semântico-lexical de respostas positivas e negativas e a cartografia de formas.

Para a realização do inquérito de pesquisa, será utilizado um questionário semântico-lexical, cuja aplicação deverá ser cumprida nos seguintes termos pelo inquiridor: (1º) fazer a pergunta da vez do questionário; (2º) insistir em obter a resposta do informante – mesmo que este ofereça uma ou mais formas espontâneas positivas e/ou formas espontâneas negativas; (3º) persistir em mais respostas, a fim de coletar o maior número de variantes possíveis. Para a etapa posterior, o inquiridor deverá apresentar a forma da vez constante da lista de sugestões que acompanha o inquérito. Essa lista será pré-organizada com sugestões lexicais que sejam covariantes. A finalidade dessa ação é verificar se essas covariantes também ocorrem na região e nos lugares investigados. Quando não houver mais formas a serem sugeridas, prossegue-se para a próxima etapa.

Para a construção do atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia, os dados serão coletados a partir da aplicação do Questionário Semântico-Lexical (CARDOSO *et al.*, 2014), que possui 202 questões distribuídas em 14 campos semânticos, quais sejam:

- a) acidentes geográficos;
- b) fenômenos atmosféricos;

- c) astros e tempo;
- d) atividades agropastoris;
- e) fauna;
- f) corpo humano;
- g) ciclos da vida;
- h) convívio e comportamento social;
- i) religião e crenças;
- j) jogos e diversões infantis;
- k) habitação;
- l) alimentação e cozinha;
- m) vestuário e acessórios e vida urbana.

Acompanharão as questões imagens que representem os referentes semânticos abordados.

Coletados os dados, será possível etiquetá-los e, sistematicamente, cartografar não só formas espontâneas positivas e negativas, mas também de relevância.

5.1 Instrumentos de coleta

Depois de analisados os procedimentos metodológicos de vários atlas linguísticos semântico-lexicais, optou-se pela proposta do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALIB 2014), no que concerne aos instrumentos de coleta, quais sejam:

- a) ficha de informante;
- b) temas para discursos semidirigidos; e
- c) questionário semântico-lexical.

A *ficha de informante* é um instrumento importante, porque documenta dados de identificação pessoal, registra domicílios atuais e anteriores, com a respectiva indicação de tempo de permanência em cada um deles, aponta o nível de escolaridade e a profissão, contatos com meios de comunicação e opções de lazer. Há, ainda, algumas informações complementares, como a postura do informante no momento do inquérito, bem como a espontaneidade da elocução e a descrição do ambiente em que ocorre o inquérito, aspectos relevantes para a construção de um atlas linguístico, conforme Cardoso (2010).

O instrumento de pesquisa *temas para discursos semidirigidos* tem “como objetivo buscar o vernáculo na linguagem menos monitorada e informal”. (AGUILERA, 2014, p. 104). Neste trabalho, tal como defende Figueiredo Junior (2019), esse instrumento será utilizado com vistas a facilitar um engajamento interacional produtivo entre inquirido e inquiridor, para a aplicação do questionário semântico-lexical.

É importante ratificar que essa interação será gravada com o mesmo rigor da aplicação do questionário. Os dados coletados poderão ser usados para a complementação de informações, neste estudo, ou guardados, para se tornarem objeto de estudo de futuros trabalhos.⁴

Durante essa interação, será solicitado aos informantes que:

- a) relatem um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro, mortes);
- b) comentem sobre algum programa que gostem de assistir na televisão;
- c) relatem suas atividades diárias de trabalho; e
- d) narrem um caso de assombração, uma lenda das quais já ouviram falar na região.

Após a coleta desses dados, por meio dos instrumentos citados, espera-se que estes traduzirão o comportamento linguístico dos informantes da região. Em seguida a esta etapa de coleta, se procederá à análise para a identificação da norma semântico-lexical da região pesquisada, bem como a construção dos cartogramas.

Considerações finais

Neste artigo, foram apresentados os critérios adotados para a construção do *atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia*, focalizando sua metodologia. Para tanto, buscou-se, inicialmente, evidenciar as disciplinas que destacam a variação linguística e, concomitantemente, traçar a origem do viés pluridimensional nos estudos dialetológicos, demonstrando a relevância de uma metodologia coerente com o objetivo definido para a pesquisa: a descrição da norma semântico-lexical e a construção de um atlas linguístico da região oeste da Bahia.

Nesse percurso, apresentou-se uma metodologia de coleta de dados semântico-lexicais denominada Técnica de Efeito Tríplex (TEF), em que é possível utilizar os três tempos de Thun (2005, 2009): perguntar, insistir e sugerir; ter uma pluralidade de informantes inquiridos de forma sucessiva ou simultânea; atribuir etiquetas qualitativas aos dados do *corpus* (forma espontânea positiva, forma sugerida aceita, entre outras), para, posteriormente, elaborar a cartografia das formas etiquetadas conforme sua relevância.

Acredita-se que um estudo desse porte oferece a chance única de se conhecerem elementos da história e da cultura local da comunidade destacada por intermédio de seu léxico e, principalmente, de contribuir para a descrição da língua falada na região, haja vista a comprovada escassez de pesquisas focalizando o oeste baiano, principalmente, no que tange ao foco escolhido e à temática abordada neste trabalho.

4 Projeto aprovado pelo Comitê de Ética, número do Parecer: 5.489.775.

METHODOLOGICAL PROCESSES FOR THE CONSTRUCTION OF THE SEMANTIC-LEXICAL LINGUISTIC ATLAS OF THE WEST OF BAHIA

Abstract: This paper explores the comprehensive methodology deployed in the evolving doctoral research project, “Semantic-Lexical Linguistic Atlas of the Western Region of Bahia”. The methodology seamlessly combines bibliographical research, anchored in the influential works of esteemed academics (Thun, 2005, 2009), and field research, which serves as a rich source of empirical data. Multidimensional and Relational Dialectology takes center stage as the core theoretical-methodological paradigm guiding the research. The process unfolds through key stages such as the careful selection of communities (network points) and informants, rigorous data acquisition, and the application of a semantic-lexical semi-structured questionnaire to collaborators in strategically chosen municipalities. These network points, situated within the historical context of the centennial Rio Grande river basin, each contribute eight informants, leading to a cumulative total of forty participants. As the research is still in progress, definitive conclusions remain forthcoming, signifying the evolving nature of the research.

Keywords: Pluridimensional and Relational Dialectology; Linguistic Atlas; Methodology.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* (org.). *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 1.
- ASSOCIAÇÃO DE IRRIGANTES DO ESTADO DA BAHIA. Salvador: AIBA, 2019.
- BARREIRAS. Prefeitura Municipal. *Resumo histórico das nossas origens*. Barreiras/BA, Departamento de Cultura e Assessoria de Comunicação Social, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- BORELLA, Sabrina Gewehr. *Tu dampém fala assim??: macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. 2014. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108953/000948325.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 30 julho de 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva *et al.* *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 1-2.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Espanholismo no léxico do Brasil Central: contribuições do projeto ALIB. *ALFA Revista de Linguística*, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 133-145. abr./jul. 2013. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/29674-109779-1-pb.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2021.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 635f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/publico/TESE_ADRIANA_CRISTINA_CRISTIANINI.pdf. Acesso em: 7 fev. 2021.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. *Atlas linguístico pluridimensional do português paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê*. 2019. 224f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-12072019-155328/pt-br.php>. Acesso em: 7 fev. 2021.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro *et al.* Metodologia geolinguística: agentes em geral e técnicas de inquérito semântico-lexical em específico. *Cadernos Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, p. 1-16, p. e021010, 2021.

GILES, Howard & ORGAY, Tania. Communication Accommodation Theory. In: Whaley, Bryan B & Samter, Wendy (Eds.), *Explaining communication: Contemporary theories and exemplars*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007, p. 293-310.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4941>. Acesso em: 20 mar. 2023.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Maria José Basso; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivado. Metodologia de estudos do contato linguístico no norte de Mato Grosso. *Porto das Letras*, v. 6, n. 3, p. 172-193, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9892>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Clóvis Caribé Menezes dos. *Oeste da Bahia: modernização com (des)articulação econômica e social de uma região*. 2007. 241 f. (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2007. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=98307 >. Acesso em: 30 jul. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Cloves Genário Pereira dos. *Avaliação temporal dos parâmetros físico-químicos da água e da concentração de metais em material particulado do Rio Grande, Barreiras, Bahia*. 2014. 92 f. (Dissertação em Química) - Programa de Pós-Graduação em Química da Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35030/1/disserta%c3%a7%c3%a3o%20final%20Cloves%20J%c3%banior.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro*. Londrina: Eduel, 2009. v. 7. t. 2.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboços de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 11 de março de 2023

Aceito em 20 de abril de 2023